SERMAÕ
EM ACÇAÕ DE GRAÇAS
PELOS
FELICISSIMOS DESPOSORIOS
DA SERENISSIMA SENHORA
D. MARIA
PRINCEZA DO BRASIL
COM O
SERENISSIMO SENHOR
DOM PEDRO
INFANTE DE PORTUGAL,

PRE'GADO
EM A IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTA CLARA
de Evora da Provincia dos Algarves em 3 de Agosto
de 1760,

OFFERECIDO
AO MESMO SENHOR
POR
Fr. FILIPPE DOS REMEDIOS,
Confessor das Religiosas do mesmo Mosteiro.

LISBOA:
Na Offic. de ANTONIO VICENTE DA SILVA.
Anno MDCCLXI.
Com todas as licenças necessarias.

SERENISSIMO SENHOR.

L*OGO que na Cidade de Evora tive a fortuna de ſer o primeiro, que ſubiſſe ao pulpito a render a Deos as graças pela mercê, que*

diſ-

dispensou a todo este Reino nos felicissimos Desposorios de V. A., desejey por meyo do prélo pôr nas Reaes mãos de V. A. a mesma Oraçaõ, que abi recitey. Oppunha-se ao meu desejo a consideraçaõ de quantas outras se offereceriaõ a V. A. sobre o mesmo assumpto, tanto mais dignas da sua Real acceitaçaõ, quanto mais publicos saõ os creditos dos seus Authores. Sem embargo do que, naõ podendo suppeditar o meu gosto, vim a entender que me influîa o alto do objecto, ao que me dissuadia a baixeza do meu discurso, animando-me aquelle mesmo a pedir licença a V. A. para esta Dedicatoria, que a benignidade de V. A. foy servido conceder-me. A irresoluçaõ, em que me punha a referida consideraçaõ, juntamente com a distancia, em que me achava, para obter de V. A. a faculdade, que pertendia, dilatou esta pequena offrenda até agora, em que pude chegar a esta Corte, para ter o gosto, a gloria, e a honra de beijar a maõ a V. A., por cuja saude, e vida supplicará continuamente ao Ceo

Fr. Filippe dos Remedios.

LICENÇAS.

DA ORDEM.

CENSURA DOS MM. RR. PP. MESTRES Fr. Ignacio da Graça, Leitor Jubilado, Qualificador do Santo Officio, Consultor da Bulla da Cruzada, Examinador das Tres Ordens Militares, e Ex-Diffinidor da Provincia dos Algarves; e Fr. Francisco de Jesus Maria Jozé, Ex-Leitor de Artes, e de Theologia moral, Qualificador do Santo Officio.

N. M. R. PADRE MESTRE PROVINCIAL.

POr ordem, e commissaõ de V. P. M. R. lemos com attençaõ, e gosto esta Oraçaõ gratulatoria, e obsequiosa, (na verdade fecundissima, e facundissima) cujo Author meritissimo he o R. P. Fr. Filippe dos Remedios, Prégador Jubilado, e Confessor das Religiosas em o Convento de Santa Clara de Evora: e tanto naõ encontramos que censurar, mas sim que elogiar, que no delicioso paraiso das mais bem ordenadas flores de sua natural eloquencia se pódem colher aromas para incensos dignos daquelles ultimos fins Regio, e sagrado, a que se terminaõ, e consagraõ: *Tanta dulcedine captos afficit ille animos*, disse Juvenal: He o que nos parece, V. P. M. R. ordenará o que for servido. Xabregas 9 de Settembro de 1761.

Fr. Ignacio da Graça.
Fr. Francisco de Jesus Maria Jozé.

Visto

VIsto o infórme, damos licença para se imprimir este Sermaõ, presuppostas as mais do estylo. Cõvento de S. Francisco de Xabregas em 10 de Settembro de 1761.

Fr. Antonio de Santa Coleta.
Ministro Provincial.

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. FRANCISCO XAVIER de Lemos, Presentado em a Sagrada Theologia, Consultor do Santo Officio, Examinador das Ordens Militares, e das Igrejas do Padroado Real, e Synodal do Patriarchado, e Secretario da Provincia de Portugal da Ordem dos Prégadores.

ILLUSTRISS. E REVERENDISS. SENHORES.

O Sermaõ incluso, em Acçaõ de Graças, que se pertende imprimir, e que na occasiaõ dos felicissimos Desposorios da Serenissima Senhora Princeza do Brasil com o Serenissimo Senhor D. Pedro Infante de Portugal, prégou o M. R. P. Fr. Filippe dos Remedios, da Ordem Seraphica, e Provincia dos Algarves, nada contèm contra a Fé, ou bons costumes. VV. Illustrissimas mandarâõ o que forem servidos. Lisboa S. Domingos 16 de Settembro de 1761.

Fr. Francisco Xavier de Lemos.

VIsta a informaçaõ, póde-se imprimir o Sermaõ, que se apresenta, e depois voltará conferido, para se dar licença, que corra sem a qual naõ correra. Lisboa 18 de Settembro de 1761.

Carvalho. Mello.

DO

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. Ignacio da Graça, acima nomeado.

EXCELLENTISS. E REVERENDISS. SENHOR.

OBedecendo ao deſpacho de V. Excellencia, digo, que tendo ja lido por ordem do meu Prelado eſta diſcreta, e elegante Oraçaõ gratulatoria, que nos Reaes Deſpoſorios da Sereniſſima Senhora Princeza do Braſil com o Sereniſſimo Senhor Infante D. Pedro, prégou o Reverendo Padre Fr. Filippe dos Remedios, Prégador Jubilado, e Confeſſor das Religioſas de Santa Clara de Evora, goſtoſamente a torney a ler, e álèm de naõ encontrar couſa alguma contra a pureza de noſſa Santa Fé, e bons coſtumes, encontro neſta Obra hum claro index do ſeu naõ vulgar talento, e merecedor de hum univerſal applauſo, e digo, que eſta Obra naõ ſó he digna da eſtampa, que pertende, ſenaõ: *Linenda cedro, & levi ſervanda cupreſſo.* (Orat. in Art. Poetic.) V. Excellencia ordenará o que for ſervido. Xabregas 23. de Settembro de 1761.

Fr. Ignacio da Graça.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir o Sermaõ, de que trata a petiçaõ, e torne conferido para ſe dar licença que corra. Lisboa 23 de Settembro de 1761.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO

DO PAÇO.

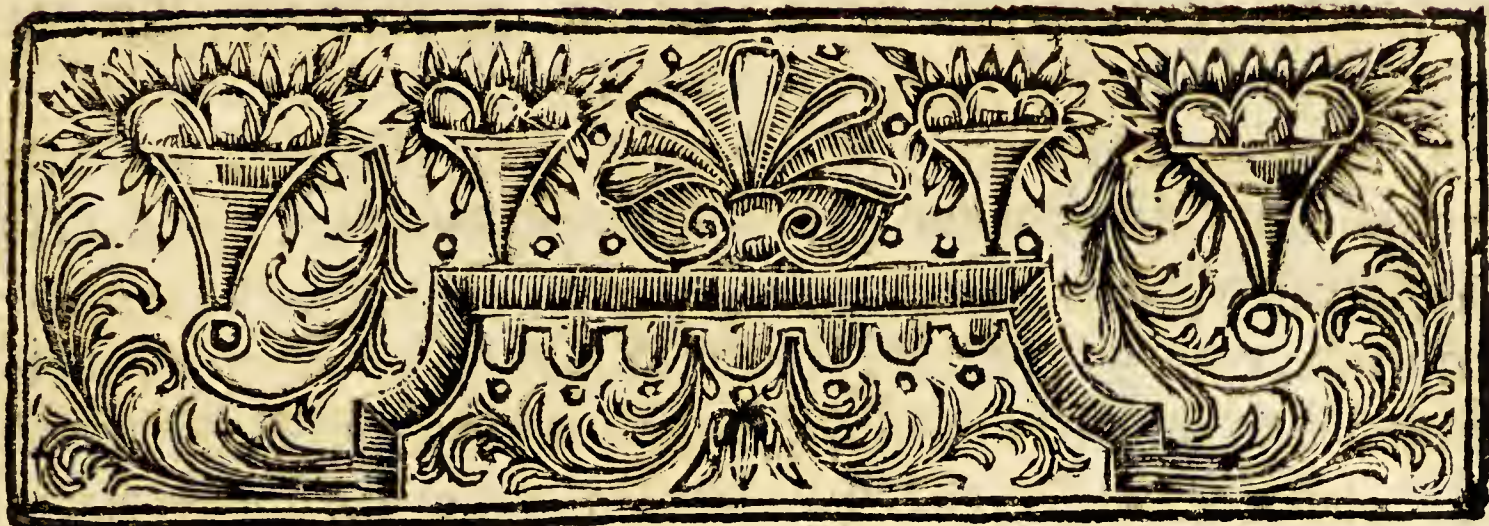
CENSURA DO M. R. P. M. Fr. MANOEL DE S. Boaventura, Ex-Leitor de Theologia, Examinador do Bispado do Porto, e do Arcebispado de Braga, da Ordem dos Carmelitas Descalços.

SENHOR.

POr ordem de V. Mageſtade Fideliſſima vi o Sermaõ gratulatorio, que recitou o M. R. P. M. Prégador Jubilado Fr. Filippe dos Remedios, Alumno da Santa Provincia dos Algarves do Seraphico Patriarcha S.Franciſco: nelle naõ achey couſa alguma, que ſe opponha ao Real ſerviço de V.Mageſtade; antes me parece digniſſimo de que pelo prélo ſe participe á noticia de todos. Naõ neceſſita o Author de que eu elogie eſta ſua Obra; porque mais attençaõ merece hũa teſtimunha de viſta, do que de ouvida: *Pluris eſt oculatus teſtis, quam auriti decem* (Plat. in Truc.) pois os que ouvem naõ daõ teſtimunho completo, e os que vêm, ſabem plenamente o que dizem: *Qui audiunt audita dicunt: qui vident plane ſciunt* (ibidem) e aſſim naõ he precizo que me ouçaõ, o que pódem por ſi examinar: e do exame ſe ſeguirá, ſerem tantas as teſtimunhas oculares do bem merecido credito do Author deſte Sermaõ, quantas forem as peſſoas, que o virem. Eſte he o meu ſentir. V.Mageſtade ordenará o que for ſervido. Lisboa Convento de Corpus Chriſti de Carmelitas Deſcalços 25 de Settembro de 1761.

Fr. Manoel de S. Boaventura.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de conferido tornará para a licença de correr. Lisboa 26 de Settembro de 1761.

Emaus. Caſtello. Affonſeca.

Deus, gratias tibi ago.
Luc. 18.

ESQUEC,AM os jubilos, com que ſe paſſavaõ eſtes dias nos antigos ſeculos. Fiquem para lembrança nos ſeculos futuros as glorias preſentes deſtes dias. (*Soberano Senhor Sacramentado*) Saõ eſtes dias, cujas glorias ſe devem eternizar nas noſſas memorias, o de ſeis de Junho paſſado, em que na ſempre leal, e nobiliſſima Corte de Lisboa ſe celebraraõ com indizivel contentamento os feliciſſimos Deſpoſorios da Senhora D. Maria, Duqueza de Bragança, e Princeza do Braſil, com ſeu Tio o Senhor D. Pedro, Infante de Portugal: e eſte preſente de tres de Agoſto, em que eſta Religioſa Communidade por advertida, e diſcreta diſpoſiçaõ do Prelado Superior deſta Provincia, com generoſo, e devoto obſequio, rende a Deos as graças, por ordenar a ſua Providencia eſtes Deſpoſorios feliciſſimos. Nem o Prelado, em cujo peito ſe abraçaõ a politica com a fidelidade, podia mandar menos em applauſo de taõ ſagrado Hymeneo, nem eſtas Religioſas, em cujo coraçaõ ſe enlaçaõ o amor com o

refpeito, podiaõ dilatar mais a goftofa obediencia de hum preceito taõ juftificado.

Por plaufiveis, e feftivos nos recordaõ os Annaes eftes dous dias nas idades preteritas: o de feis de Junho, por fer aquelle, que os Gregos, e Romanos confagravaõ á Deofa Alegria, vaticinio, talvez, da que haviamos gozar os Portuguezes nefte dia, corregindo a Providencia com huma Alegria certamente verdadeira aquella Alegria cegamente fuperfticiofa: o de tres de Agofto em fim, por fer o dia, em que os mefmos Romanos, e Gregos, tributavaõ religiofos facrificios a Jupiter com o titulo de Confervador, fombra, ou pronoftico, pode fer, do facrificio incruento, que em acçaõ de graças confagramos hoje naquelle Altar, emendando affim a mefma Providencia o facrilego culto tributado ao Numen do fabulofo Jove, com o Sacrofanto Sacrificio offerecido ao verdadeiro Deos Confervador dos Reinos, que naquella Hoftia adora a noffa Fé, efperando da fua clemencia na multiplicada Real Succeffaõ de taõ ditofas Nupcias a perpetua confervaçaõ do noffo Imperio.

E fe tanta differença vay de huma Alegria a outra Alegria, de hum facrificio a outro facrificio, do verdadeiro ao fabulofo, do real ao chimerico; parece que bem digo eu, que fe efqueçaõ os jubilos deftes dous dias nos feculos antigos, que fiquem em eterna lembrança as glorias deftes dous dias nos futuros feculos, que fe rifquem dos Annaes aquellas noticias, que fe imprimaõ nelles com aureos caracteres as noffas prefentes glorias. Eftes fim, eftes faõ agora os dous dias, que contempla a minha confideraçaõ dignos em todos os Annaes de eterna, e glo-

gloriosa memoria: esse de seis de Junho, por ser o dia, em que Deos nos dispensou o beneficio de se praticarem taõ suspiradas bodas: este de tres de Agosto, por ser o dia, em que esta Religiosa Communidade agradece a Deos o beneficio de Nupcias taõ desejadas. Se aquelle glorioso para todo o Reino, por ser o dia, em que Deos lhe concedeo hum beneficio de taõ ponderaveis, como felices consequencias: este glorioso para nós, por ser o dia, em que agradecemos a Deos este beneficio, em que o Reino todo leva seguras as suas mayores felicidades.

Bem sey eu, que naõ póde conresponder a beneficio taõ alto o nosso agradecimento, e que fica ainda muy diminuto o desempenho na eleiçaõ do Orador, em que falta a eloquencia preciza, para expôr taõ alto beneficio: mas se os desejos, onde faltaõ as posses, compõem tambem huma parte dos cultos, encheráõ a parte, que falta neste devído culto, os nossos desejos. E para que o meu acerte menos mal a desempenhar a eleiçaõ, que de mim se fez, para esta Oratoria, fechando os olhos a toda a idea, que me propõem o discurso, só cumprirey com a obediencia, naõ me affastando do que na sua Patente determina o meu Prelado.

Diz este, depois de ordenar os religiosos festejos, que em occasiaõ taõ gostosa pede o seu, e o nosso contentamento, que em todos os Conventos, e Mosteiros da sua jurisdiçaõ se manifeste o Senhor Sacramentado, haja Missa solemne, e Sermaõ, no qual os Oradores expondo os gloriosos acertos deste Hymeneo nas virtudes de taõ Regios Consortes, persuadaõ a renderem todos a Deos as graças, por ser o Author, que dispôs estas Reaes Nupcias, para

 com-

completar as felicidades, que prometteo no campo de Ourique a este Reino.

Nem esta Oratoria, cujo objecto he o Hymeneo de taõ grandes Principes, que lá ajustou no Divino Consistorio o Rey dos Reys, póde ter mais elevado argumento, nem o meu discurso podia formar idea mais plausivel, que esta mesma, que discretamente nos dicta o Prelado, que nos manda. Pelo que entremos a illustrá-la, para que reconhecendo todos o beneficio, que nos fez aquelle Divino Senhor na execuçaõ destas Reaes Nupcias, lhe tributem devotas graças, usando para isso das mesmas palavras do Evangelho, que felizmente me cahio por sorte neste dia: Graças vos sejaõ dadas, meu Deos, e meu Senhor, por nos dispensares o gosto de taõ sacro Hymeneo, certo principio das nossas mayores venturas: *Deus, gratias tibi ago.*

Naõ só neste Reino todo: (pequeno ambito para clausurar as vozes da sua Fama) Em toda a Europa: (districto ainda limitado para comprehender os eccos do clarim sonoro dessa Divindade) Nas quatro partes do mundo todo, aonde se estende o braço do seu poder, he constante que se vem no nosso Paço enthronizadas na mesma Pessoa do nosso Augusto, e Fidelissimo Monarcha a Sabedoria igualmente com a Magestade, admirando todos no prompto, e discreto de suas resoluções a subtileza do engenho, a facilidade da comprehensaõ, e a madureza do juizo.

Nem he menos notorio a todos o acerto, com que o profundo entendimento do nosso Soberano soube escolher os Conselheiros mais sabios, e servir-se dos Ministros mais doutos; para que sem a menor sombra de desacerto sejaõ as mais acertadas as ideas do

do seu governo, as mais plausiveis as resoluções do seu Imperio. Porèm com tudo isso: (perdoe-me nesta hora a sua incomparavel intelligencia, a maxima ponderaçaõ, e advertencia dos seus Ministros, que naõ lhes farey aggravo em attribuir o acerto, com que se dispôs, e concluîo este Real Consorcio á eleiçaõ de Monarcha mais Superior, de que provêm todos os acertos, e lhes repartio a sabedoria, para as resoluções nunca cabalmente louvadas do seu gabinete).

Quem dirá com tudo isso, que a idea de hum negocio taõ importante para todo o Reino, para toda a Europa, e para o mundo todo, nos Desposorios da Senhora Princeza do Brasil, que a preferencia da escolha entre tantos Principes, que pertenderiaõ anciosos estes felices Desposorios, feita na Real Pessoa do Senhor Infante D. Pedro, que o inexperado repente, com que se effeituou este ajuste, o acerto deste Hymeneo, a ventura deste Consorcio, o compendio em fim destas felicidades, que foy puramente effeito do Juizo Superior, sublime, e elevado de Sua Magestade? Que foy resulta do prudente voto dos seus Conselheiros no Gabinete? Que foy arbitrio da capacidade, madureza, e penetraçaõ dos seus principaes Ministros?

Ajuizálo-haõ assim muitos na veneraçaõ de capacidades, e talentos taõ exuberantes. Mas eu, sem faltar a taõ altos respeitos, recorrendo ao primeiro principio, ao Author de todas as felicidades, o Eterno Pay, que tem o seu Throno nessas alturas, advertindo no amor, que pela sua piedade prometteo conservar sempre a este Reino: *Erit mihi Regnum pietate dilectum*: naõ posso deixar de ajuizar, que para

ra esta idea, para esta escolha, para este repente, para este ajuste, para este acerto, para esta ventura concorreo efficacissimamente a Suprema Comprehensaõ, a Altissima Sabedoria, e a Sublime Providencia desse Eterno Rey, que sem cuidado, conselho, ou prevençaõ, vay forte, e suavemente ordenando, e dispondo de antemaõ o que lhe parece, para que a seu tempo saya disposto, e admiravelmente executado o fim, que lhe agrada: *Attingit ergo à fine usque ad finem fortitèr, & disponit omnia suavitèr.*

Quem attendendo á fecunda Prole, que deo a este Reino o Augusto, e Magnanimo Rey D. Joaõ o V., de memoria sempre saudosa, nos Senhores D. Pedro Principe do Brasil, no Augustissimo, e Fidelissimo Rey, e Senhor nosso D. Jozé I., que Deos guarde, nos Senhores Infantes D. Carlos, D. Pedro, e D. Alexandre, advertir ponderosamente cortada aos golpes da cruel Atropos na flor da sua idade a estimavel vida do Infante D. Carlos, e encubertos logo no funebre do Mausoleo apenas se levantaraõ do berço os Serenissimos Principe D. Pedro, e Infante D. Alexandre, escapando sómente de tantos Principes á tyrannia das Parcas (queira Deos que seja por tantos seculos, quantos gyros tem dado o Sol por annos ao mundo) o nosso Augustissimo Monarcha, e o nosso Serenissimo Infante D. Pedro; que poderá discorrer?

Quem reparando na fecundidade de tantas Filhas, quatro brilhantes Estrellas, com que se adorna a Coroa de Suas Magestades, para darem luz a todas as quatro partes do mundo, por onde dilataõ seus Augustos Pays os seus dominios, advertir ponderosamente,

derofamente, que difpôs a Providencia, naõ houveffe hum Filho varaõ, em que Sua Mageftade pudeffe alliviar o pezo do governo da fua Monarchia; que poderá ajuizar? Naõ acertará, fe difcorrer que tudo ifto foraõ determinações, que forte, e fuavemente foy difpondo o Rey dos Reys, para que recahindo o Principado deftes Reinos na Senhora Princeza do Brafil, naõ tiveffem os Portuguezes que accrefcentar, ou as agoas ao Tejo, ou as correntes ao Caya, quando em algum tempo viffem apartar-fe de feus olhos huma Princeza, que he o Iman de feus corações? Naõ acertará, fe ajuizar, que tudo ifto foraõ determinações, que forte, e fuavemente foy difpondo o Rey dos Reys, para que naõ havendo outro Principe taõ chegado ao Throno, fenaõ o Senhor Infante D. Pedro, foffe efte hoje unico digno Conforte de Efpofa taõ Augufta? Incomprehenfiveis faõ os Juizos de Deos nas fuas difpofições; mas em tal cafo reveftido de taes circunftancias, parece que nos dá lugar a fazermos efte difcurfo fobre eftas fuas difpofições.

Para hum cafamento fer acertadamente feliz, e felicemente acertado, difcorria já lá a difcriçaõ de Ovidio, que haviaõ fer iguaes os Efpofos: *Si qua voles aptè nubere, nube pari.* Com efte fundamento o mandou Solon praticar affim aos Athenienfes nas fuas Leys: aconfelhou-o nas fuas fentenças Chilon aos Lacedemonios: praticáraõ-no com o mais difcreto eftylo os Romanos: louvaõ-no fundados em belliffimos Direitos os noffos Jurifconfultos: em fim, foy enfino do mefmo Deos, fe nos lembramos, que logo que tratou dos Defpoforios dos dous mayores Principes do mundo, Adam, e Chrifto; para dar

a Adam em Eva a mais benemerita Eſpoſa, naõ ſó a fez ſua ſimilhante na natureza, e qualidade: *Faciamus ei adjutorium ſimile ſibi*; mas taõ igual, e conjunta por parenteſco, que a formou da meſma carne, e ſangue de Adam: *Os ex oſſibus meis, & caro de carne mea.* E para moſtrar que era a Igreja digna Eſpoſa de Chriſto, fez, com que daquella ferida, que a lança brio no peito de Chriſto, correſſem a agoa, e ſangue com as mãos dadas: *Exivit ſanguis, & aqua*: para que ſignificada na agoa a Igreja, ſe viſſe que eſtes eraõ os Deſpoſorios mais acertados; porque era a Igreja por ſangue parenta taõ conjunta com Chriſto, a Eſpoſa com o Eſpoſo, que ambos, agoa, e ſangue, tudo tinha do meſmo peito o naſcimento: *Ex latere Chriſti exivit ſanguis, & aqua.*

Por iſſo diſcorria eu, que diſpondo Deos na falta de Filho Varaõ de Suas Mageſtades, que foſſe a noſſa Princeza a legitima Senhora deſtes Reinos, para que naõ padeceſſemos em tempo algum a ſaudade da ſua auſencia na Coroa de outras Monarchias; diſpôs tambem a conſervaçaõ da eſtimavel vida do Senhor Infante D. Pedro entre tantos Irmãos ſeus, que nos roubou a inhumana Parca, para que nelle, como parente taõ chegado, tiveſſe ſua Alteza o mais digno Eſpoſo, e ſe gloriaſſe o Reino com o Hymeneo mais acertado. Eſta ſó igualdade de Eſpoſos baſtava para venerarmos o acerto dos Reaes Deſpoſorios de taõ grandes Principes, que unio o Matrimonio no thalamo, tendo-os igualado, e aproximado tanto o ſangue, e a natureza no berço, que de ambos ſaõ proprias as Quinas de Portugal, as Aguias do Imperio, os Leões, e os Caſtellos de

Heſpa-

Hespanha, as Flores de Liz de França, e mais de Parma, a Aguia, o Grifo, a Panthera, e os Leoẽs da Casa de Austria: o mesmo sangue, que anima as veas da Esposa, palpita do Esposo nas arterias; parecendo por isso superflua nestes Reaes Desposorios aquella ceremonia, com que os Esposos, para final de viverem sempre unidos, se daõ hum a outro as mãos, quando já de antes estavaõ unidos com o vinculo do mais estreito parentesco.

Mas oh, que outra igualdade descobrimos ainda, que faz mais plausivel, e feliz o acerto destes Desposorios! Se a natureza fez estes Regios Esposos taõ iguaes no sangue, que saõ por consanguinidade os parentes mais chegados, Deos de tal forma os igualou nas prendas, dotes, e virtudes, que os fez nas virtudes, dotes, e prendas os mais similhantes, para que por todas as partes se admirasse destes Desposorios o acerto. Quem tivera agora a sabedoria de hum Plataõ, a eloquencia de hum Demosthenes, a facundia de hum Tulio, o sentencioso de hum Seneca, e a rhetorica de hum Aristoteles, para expor neste acto, com a discriçaõ, que merecem tantas prendas, tantos dotes, e tantas virtudes!

Como fallarey de tantas, com que o Author de todos os bens ornou a nossa Sereníssima Princeza? Direy que nas virtudes, prendas, e dotes a todas excede, sem que nenhuma a iguale? Verdade será esta, em que naõ encontre hyperbole a crisi mais escrupulosa. Com que dezar naõ ficaria Venus nas bodas de Peleo, se em lugar de Pallas, ou de Juno, competisse na formosura com a nossa Princeza! Certamente que naõ levaria a Maçãa, porque pela

noſſa Princeza daria Páris o voto. Que lucros naõ grangearia Zeuxis, ſe em lugar do retrato de Helena, copiado das mais celebradas cinco bellezas de Cortona, que naõ queria moſtrar aos curioſos, ſenaõ pelo preço de grandes dadivas, tiveſſe em ſua caſa hum retrato de ſua Alteza! Natural Princeza reconheceo Euripides a formoſura: *Prima ſpecies digna Imperio*; e eu diſſera, que de toda a formoſura he a mais digna Princeza a Sereniſſima Senhora D. Maria. Por iſſo brilha mais nella a virtude, porque tanto luſtra nella a belleza; que ſempre onde a belleza luſtra, melhor a virtude brilha. A meſma agoa pela differença dos canaes, por onde corre, ou enamora cryſtallina, ou cauſa horror verdenegra.

Que direy, quando contando a noſſa Princeza pouco mais de cinco luſtros de ſua florida idade, ſe lhe admiraõ taõ rariſſimos attributos, que difficilmente ſe achaõ em taõ bom uſo nas experiencias de largos annos, tantas perfeições, que parece impoſſivel, que ſe recopilem em hum ſó exemplar? Direy que cauſa o mayor aſſombro ver em ſua Alteza, com a propriedade, e diſcriçaõ da lingua Portugueza, ſem confuſaõ a intelligencia da Latina, Italiana, Heſpanhola, e Franceza; deſorte que quando os Oradores deſtas Nações publicarem, como eſperamos, os ſeus elogios, naõ ſe arriſcaráõ ao deſagrado de Sua Alteza, por lhes faltar o ſainete nos Traductores, nem Sua Alteza terá a mortificaçaõ de ouvir por Interpretes os ſeus applauſos. Cançaõ-ſe os Eſcritores nos louvores de Sempronia, verſada nas linguas Grega, e Latina; nos de Zenobia Princeza de Palmyra, porque entendia, e fallava as lin-

linguas Latina, Grega, e Egypciaca. Melhor affumpto podem ter de hoje em diante na noffa Princeza, entendendo, e fallando as mais polidas da Europa.

Direy que á fua vifta fe envergonhariaõ as Caffandras, as Eudoxias, as Deotimas, e as Afpafias, porque na liçaõ dos Authores mais uteis, que ao mefmo paffo que deleitaõ, inftruem, e illuftraõ o entendimento, tem Sua Alteza pofto tanta applicaçaõ, que quanto elles tranfcrevem á letra, conferva Sua Alteza na memoria.

Que direy, lembrando-me daquella bella Arte, com que fuppunhaõ alguns antigamente fe governavaõ os Ceos, taõ oppofta ao genio dos efpiritos malignos, que naõ podem foffrer a acorde melodia, com que fe exercita? Que direy, vendo que naõ ha nella preceito, que, por fuave, ou por difficil, fe naõ ouviffe pela boca de Sua Alteza fonóra, e divinamente executado, nem inftrumento, que fe naõ viffe pelas fuas Reaes mãos docemente ferido? Direy que fe efcuzariaõ de ouvî-la os Ariões, os Terpandros, os Theões, os Alipios, e os Gaudencios. Retirar-fe-hiaõ de fua prefença os Amphiões, e Orpheos, por naõ perderem o credito de fingulares; quando por força ficariaõ obrigados a confeffá-la unica. Naõ pareça pequeno elogio de huma Princeza fer unica em huma fciencia, em que a Sabedoria Divina publicou comprehender-fe huma univerfalidade de prendas: *Hoc, quod continet omnia, fcientiam habet vocis.*

E calarey por ventura, que naõ tem já que fe dedicarem a Diana os exercicios venatorios, nem os artificiofos a Minerva; porque em Sua Alteza tem já

outra Deidade Tutelar eftes exercicios? Naõ o calarey por certo. Já, á vifta de Sua Alteza, ficaõ fendo neftes exercicios fegundas Arachne, Luçrecia, e Tanaquilis, competidoras de Minerva no eftrado, Procris, Atlanta, e Califto, competidoras de Diana nos bofques.

Mas que direy das virtudes, que lhe communicou a graça? Aqui me calára eu, porque deftas, que a fua mefma virtude mais recata, fó pódem fallar os que mais eftreitamente a communicaõ. E que dizem eftes? Oh fe eu o foubera repetir pelos proprios termos, com que ó ouço proclamar! Que he Sua Alteza huma Princeza, em que fe vê a virtude fem affectaçaõ, a Mageftade fem foberba, a modeftia fem hypocrifia, a affabilidade fem confiança, o ornato fem defvanecimento, a gálla fem vaidade, a compaixaõ fem termo, a charidade fem limite, a reverencia aos Templos, e Sacerdocio fem exemplo, a obediencia a feus Regios Pays com exceffo, e o amor para Deos com extremo. E quantas outras particulares virtudes fuas naõ podemos dizer, porque Sua Alteza disfarça quanto póde pelas occultar, e o feu Director ainda naõ póde abrir a boba para as referir. O que commummente ouço, he, que fe verifica em Sua Alteza o que o Efpirito Santo diffe nos Proverbios daquella Matrona forte, que fómente Sua Alteza tem unidas em fi todas aquellas virtudes, que cada huma dellas he baftante para ornar a muitas Princezas: *Multæ filiæ congregaverunt divitias, tu verò fupergreffa es univerfas.*

Bafta, que naõ cabem no efpaço de taõ pouco tempo as virtudes de taõ excelfa Princeza: e he chegada

gada a hora, em que devemos ver ſe deſcobrimos no Eſpoſo em virtudes, e prendas outra tanta igualdade. He a gentileza, e bizarria a flor da virtude. A meſma natureza, que lhe veſte a Purpura, lhe põem a Coroa. Por iſſo o meſmo Deos quando quiz blazonar de Senhor, e fundar a ſua Corte como Rey, tira por gálla a gentileza; quando ao noſſo conhecimento ſe inculca pulchro, entaõ he que ſe diz que aſſiſte em Palacio: *Dominus regnavit, decorem indutus eſt, parata ſedes tua ex tunc.* Por iſſo quando outra couſa naõ tivera o noſſo Sereniſſimo Infante, baſtava, para o venerarmos Principe, para o reſpeitarmos Senhor immediato á Mageſtade, a gentileza, e bizarria, de que o adornou a natureza. Com outra (creyo que muito mais inferior) formou Julio Ceſar o ſeu dominio entre os Pyratas, que o tinhaõ cativo. E como com tanta bizarria, e gentileza naõ ſerá o attractivo Magnete do coraçaõ de ſua Real Eſpoſa! Para os noſſos affectos he indubitavel ſer o mais eſtimavel Principe. Com elle nos acontece o que diz Jozepho de Moyſés Principe dos Iſraelitas, que ninguem foy taõ ſenhor dos ſeus affectos, que pudeſſe vê-lo ſem amá-lo. Eſta razaõ tem os Portuguezes, para dizerem ao noſſo Infante o que ao ſeu Theodoſio diſſe Pacato: ſe a virtude vos mereceo, ó Infante excelſo, o Principado, a gentileza do voſſo corpo, a formoſura do voſſo ſemblante vos ſobornou para iſſo os votos; aquella fez que foſſe conveniente eſta eſcolha; eſta que foſſe decente eſta eleiçaõ: *Virtus tua meruit Imperium, ſed virtuti addidit forma ſuffragium. Illa præſtitit, ut oporteret te Principem fieri, hæc ut deceret.*

Mas

Mas naõ suspendaõ com isto os Portuguezes as suas vozes, que a mais alto empenho os levaõ as virtudes, e prendas de tanto Principe. Saõ as prendas mais estimaveis de hum Principe a sabedoria; que por isso diz Euzebio, que quando Deos quer o bem de alguma Naçaõ, põem em seus Principes a sciencia. Sabemos de Adam, que lhe deo Deos muito saber, quando o quiz na terra Principe constituir. Até o mesmo Deos, disse Isaias, quer que o vejaõ em cadeira de Cherubins, que significaõ plenitud de Sciencia, quando o appellidaõ Principe do Universo: *Qui sedes super Cherubim, tu es Deus solus omnium regnorum terræ.* E qual outro como o nosso Serenissimo Infante, taõ versado na liçaõ dos livros, que sabe, e resolve promptamente pela muita liçaõ dos livros, ainda o que lhe falta pela experiencia dos successos? Assim o mostraõ os Decretos, e resoluções, que expende para o governo dos seus Estados, a inteireza dos Ministros, que escolhe para a sua execuçaõ, e observancia das Leys do Monarcha: em fim, a prudencia, com que pratîca, e regúla todas as suas acções, desorte que nem o Antigono mais ponderado o iguala, nem o Cataõ mais anciaõ o assimelha.

Continuem as vozes na ponderaçaõ, ou admiraçaõ da affabilidade, com que ouve, e attende a todos, por tal modo, que ainda os mesmos, que naõ pódem ter cabimento nas suas consultas, ou por serem menos os lugares, que os pertendentes, ou porque os seus prestimos os naõ fazem taõ merecedores da sua Real attençaõ, sahem da sua presença taõ satisfeitos, como se sahissem despachados. De hum peixe, que chama Fausten o Belvacense, se diz, que na sua boca a agoa salgada do mar se torna doce.

Grande

Grande virtude do nosso Infante! Açucarar de tal sórte hum Naõ, que se recebe da sua boca com o mesmo gosto, como se fosse hum Sim.

Para fallarmos da sua grandeza, da sua liberalidade, das muitas esmólas, que faz, eraõ-nos precizas tantas bocas, quantos saõ os pobres Religiosos, e Religiosas, os seus Mosteiros, Conventos, e Igrejas, as viuvas, os orfãos, as donzellas recolhidas, e todos os mais miseraveis, e necessitados, que Sua Alteza com maõ larga soccorre, e favorece cada dia. Oh Principe incomparavelmente excellente! E quanto se exaltará o vosso poder, se nenhum pobre vos roga, que deixeis no rol do esquecimento para o amparar: *Exaltetur manus tua nè obliviscaris pauperum!*

Entendia eu, que já podiamos suspender as vozes. Mas ainda naõ, que naõ deve entregar-se ao silencio o valor incomparavel, e a imponderavel fortaleza deste Principe. Porèm quem naõ estará já anciosо por saber o fundamento, com que taõ valoroso o proclamo, com que taõ valente o publico, se nos naõ consta que visse ainda o rosto a Marte, nem corresse ainda pelos campos de Bellona? Mas oh, que outras campanhas ha, onde a fortaleza, e o valor de hum Principe melhor se acreditaõ, e se examinaõ melhor! Fez mençaõ dellas o Doutor Africano, quando disse, que de todas as batalhas, em que se examina, apura, e acredita o valor dos homens, saõ as mais arriscadas, e invenciveis as batalhas da castidade: *Inter omnia certamina duriora sunt prælia castitatis.*

A mesma experiencia o tem comprovado nos mais valentes Heroes, que admiraõ as idades. Admirou

mirou a todo o mundo a fortaleza de hum Hercules, despedaçando touros, fazendo em pedaços a leoẽs, a dragões, a hidras, javalîs, cervas, e harpîas, desbaratando as formidaveis Amazonas, destruindo os valorosos Geriões, sempre vencedor nas campanhas, nunca vencido nas batalhas: mas ao mesmo tempo taõ fraco na guerra, que lhe fizeraõ os seus appetites, que se deixou cativar dos amores de Iole, que se aprizionou dos affectos de Onfala. Notavel testimunho do mais acreditado valor deo ao mundo em tantas, e taõ famosas conquistas o invencivel Marco Antonio; mas logo se lhe quebráraõ as forças, apenas Cleopatra lhe apresentou a batalha, em que disparava os tiros a sua formosura. Assim se vio rendido de Dalila Samsam, a quem naõ puderaõ render Exercitos de Filisteos. Ao mesmo Jupiter omnipotente rendeo de tal sorte essa migalha do Deos cego, que o fez andar bramindo (fingem os Mythologicos, para mostrarem a grande força desta guerra) como Touro por Europa, voando como Cisne por Leda, e chovendo-se do Ceo em pedaços de ouro por Danae.

Destas batalhas pois mais arriscadas que as de Marte, mais perigosas que as de Bellona, em que se enfraqueceraõ, e sahiraõ vencidos, os mais valorosos Heróes, tem sahido sempre invencivel, e victorioso o nosso Sereníssimo Infante; pois sendo os Principes as meninas dos olhos dos povos, em que todos os povos trazem empregados os seus olhos, naõ ha olhos, por mais Argos que sejaõ, que penetrassem, nem ainda divizassem por entre sombras, vencido o nosso Sereníssimo Infante em taõ duras batalhas. Que valor em poucos imitado! Que fortaleza em raros conhecida! *Rara avis in terra*! Diz o mesmo Santo Agostinho,

ſtinho, he encontrar hum, que ſe gloríe de victorioſo ſempre em taõ dura guerra. Baſte pois para coroa de todos os elogios do noſſo Sereniſſimo Infante eſta virtude, que he eſta virtude a mais precioſa coroa de hum Principe. Diſſe-o Agapeto, eſcrevendo a Juſtiniano; que o naõ fazia taõ Senhor do Sceptro o mandar aos povos, como o ſujeitar as paixões; que ſe a coroa de ouro o adornava, a da caſtidade muito mais o engrandecia: *Te revera Imperatorem aſſerimus; quippè, qui & imperare, & dominari voluptatibus vales, & tunc corona caſtitatis revinctus.*

Naõ numeramos as mais virtudes, dotes, e prendas deſtes Soberanos Conſortes, porque ſe pudeſſemos numerá-las, naõ ſeriaõ infinitas; ſe ſoubeſſemos exprimî-las, naõ ſeriaõ incomprehenſiveis. Ditoſiſſimos Eſpoſos, em que naõ ſó ſe vinculaõ os affectos, mas tambem ſe adoraõ os meſmos procedimentos! A meſma coroa de virtudes, com que a Eſpoſa ſe enfeita, he o diadema, com que o Eſpoſo ſe adorna. Aſſim como o Hymeneo os iguala hoje no amor, aſſim o Rey dos Reys, em cujo Conſiſtorio, Conſelho, e Gabinete ſe formáraõ, e firmáraõ as Eſcrituras deſtes Deſpoſorios, os enriqueceo de iguaes dotes, prendas, e virtudes; porque devendo, para o acerto, e felicidade de taõ Regio Hymeneo, ſerem iguaes em tudo os Eſpoſos: *Si qua voles aptè nubere, nube pari:* foſſem para o Reino em tudo felices eſtas Nupcias, que do acerto das Nupcias dos Principes dependem as mayores felicidades dos Reinos.

Por iſſo diſſe eu lá no principio, que ſem embargo do elevado, ſublime, e ſuperior juizo de Sua Mageſtade, que ſem embargo da grande penetraçaõ, madureza, e capacidade dos ſeus Conſelheiros, e Mini-

ſtros, a ſoberana idea deſte Caſamento, o glorioſo ajuſte deſte Hymeneo, a acertada diſpoſiçaõ deſtes Deſpoſorios, foy mais ordenada por conſelho Divino, que por arbitrio humano, mais por Providencia do Supremo Rey dos Ceos, do que ainda pela Real determinaçaõ do mayor Rey da terra. Feliz Conſorcio, cujo arbitro foy o meſmo Deos! Ditoſo Reino, em que Deos, para complemento das noſſas felicidades, arbitrou eſte Hymeneo, conſervando, entre tantos Principes, que chorámos defuntos, a precioſa vida deſte Tio, para digno, e igual Eſpoſo de tal Sobrinha, em que diſpôs, que tal Sobrinha naõ tiveſſe hum Irmaõ, para que livres do ſuſto da noſſa ſaudade, ſe perpetuaſſe no Reino para igual, e digna Eſpoſa de tal Tio.

Mas para que fim arbitrou, e foy diſpondo Deos forte, e ſuavemente neſte tempo eſte ſacro Hymeneo entre as Reaes Peſſoas da Senhora Princeza do Braſil com o Senhor Infante D. Pedro? Incomprehenſiveis ſaõ, ainda ao entendimento Angelico, os altiſſimos Juizos de Deos, por iſſo ſómente para venerados, de nenhum modo para comprehendidos. Com tudo, lembrado eu, e lembrando-me tambem o meu Prelado, a promeſſa, que o meſmo Deos fez no Campo de Ourique ao noſſo invicto, e veneravel Rey D. Affonſo Henriques, com licença do meſmo Senhor, hey de ajuizar neſta hora o altiſſimo fim, a que me parece ſe encaminha neſtes Reaes Deſpoſorios a ſua Providencia.

Fallando Deos ao noſſo Rey D. Affonſo Henriques, quando eſtava para entrar naquella celebrada batalha do Campo de Ourique, em que conſeguio juntas cinco grandes victorias na deſtruiçaõ de cinco

po-

poderosos Reys Mahometanos, depois de lhe expressar o amor, que tinha a este Reino, que de Condado, que entaõ era, a hum novo Reino levantaria: *Erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum, & pietate dilectum*: ordenando-lhe para isso, que acceitasse o titulo de Rey, que alegre lhe havia dar todo o Exercito: *Gentem tuam invenies alacrem ad bellum, & fortem, petentem, ut sub Regis nomine in hac pugna ingrediaris, nec dubites, sed quidquid petierint liberè concede*: ahi lhe fez entaõ aquella bem sabida, e autenticada promessa, de que para Imperio, e Imperio seu fundáva este Reino nos seus Descendentes: *Volo enim in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.*

Bemaventurado Reino, em que a mesma Divina Palavra promette fundar o seu Imperio! E cumprio já por ventura Deos a execuçaõ desta sua Palavra? He certo que naõ; porque ainda este Reino naõ he Imperio, ainda este, que ha de ser Imperio, he Reino: *Erit mihi Regnum.* Pois ha de se cumprir algum dia? Sim; que naõ póde faltar á sua Palavra, quem he a mesma verdade nas suas promessas. E quando? Para aqui, Diviníssimo Senhor, a licença, que vos pedi, para interpretar os fins da vossa Providencia neste sagrado Hymeneo. Agora, agora he, que esta Divina Palavra se ha de cumprir no Governo do Augusto, e Fidelissimo Rey D. Jozé I., tendo por Genro, que fica na razaõ de Filho, a seu amado, e prezado Irmaõ o Serenissimo Infante D. Pedro.

Todos sabem que hum Reino he menos que hum Imperio, e que para ser hum Reino Imperio, he sem duvida que se augmenta o Reino. E em tempo de que Rey até agora o podiamos esperar com igual

certeza, fenaõ quando tiveffemos hum Rey, que no feu mefmo nome traz o mayor augmento ao feu Reino: *Jofeph, id eft, augmentum*? Significa augmento o nome de Jozé, e fendo o noffo Fideliffimo Monarcha o primeiro Rey, que com efte nome fóbe em Portugal ao Throno, naõ póde deixar de fe augmentar o Reino, de paffar de Reino a Imperio, quando o feu Throno fe vê em Jozé com tanto augmento.

Ainda naõ diffe tudo. Quando Deos fez a promeffa, de que havia de fer Imperio efte Reino, logo diffe que o havia de eftabellecer fobre hũa firmiffima pedra: *Apparui tibi... ut initia Regni tui fupra firmiffimam petram ftabilirem.* Oh Sereniffimo Pedro! E ferá V. Alteza efta pedra firmiffima, que firva de fundamento a feu Augufto Irmaõ, Pay, e Rey, para augmentar de tal fórte o Reino, que feja agora o tempo, em que paffe a fer Imperio? Sim. Para ifto confervou Deos entre tantos Irmãos feus a vida de Sua Alteza, para ifto parece que naõ quiz Deos que tiveffe Sua Mageftade hum Filho Varaõ, para ifto forte, e fuavemente foy difpondo efte feliz Conforcio, para que Sua Alteza, e naõ outro, feja a pedra fundamental, e firmiffima, fobre que feu Augufto Irmaõ, Pay, e Rey no augmento do feu Reino, eftabelleça para Chrifto o feu Imperio, ou fobre que eftabelleça Chrifto o feu Imperio, para o entregar ao governo de hum Monarcha, que tanto cuida no feu augmento: *Jofeph, id eft, augmentum.*

Dous Imperios particularmente fundou Chrifto para fi, o Imperio efpiritual da Igreja, e o Imperio temporal de Portugal. Para fundar aquelle bufcou a firmiffima pedra de hum Pedro: *Tu es Petrus, & fuper hanc petram ædificabo Ecclefiam meam*: e que-

rendo

rendo eſtabellecer eſte do meſmo modo : *Supra firmiſſimam petram ſtabilirem* : naõ o tem feito até agora , porque parece que andava como buſcando para iſſo outro Pedro , ſobre cuja firmiſſima pedra deſcançaſſe ſeu Auguſto Irmaõ , Pay , e Rey o pezo do ſeu governo , e firmaſſe Chriſto a ſegurança do ſeu Imperio : *Tu es Petrus , & ſuper hanc petram volo Imperium mihi ſtabilire.* Já o achou no noſſo Sereniſſimo Infante ; e ſendo elle o que parece ter Deos eſcolhido para o deſempenho da ſua Palavra , por iſſo diſpôs que foſſe o digno Conſórte de taõ Auguſta Eſpoſa , para honra , e gloria do meſmo Deos , alegria, e goſto imponderavel de Suas Mageſtades, eternas venturas , e felicidades deſtes Reinos.

Eſtas eſperamos certamente conſeguir por occaſiaõ de taõ ſagrado Hymeneo , cuja feliz execuçaõ devemos todos agradecer a Deos , rendendo-lhe inceſſantemente as graças, como neſte Templo o pratica hoje eſta Religioſa Communidade com as meſmas palavras do Evangelho deſte dia , aindaque com differente tençaõ , rendimento , e humildade daquelle, que lá no Templo de Jeruſalem as proferio : *Deus, gratias tibi ago.* Todos , Senhor , vos tributamos infinitas graças , por diſpôr a voſſa Providencia eſtes acertados Deſpoſorios , que todos appeteciamos, quando menos os eſperavamos. Aſſim como cauſaraõ hum jubilo univerſal a todo o Reino , aſſim o Reino todo ſe deve empenhar em vos agradecer eſte contentamento , ſupplicando-vos em meyo dos cultos , que eſpero ſe vos conſagrem em todo elle , nos continueis eſta alegria na Real Prole de taõ Auguſtos Conſortes , deſorte que naõ experimentando jamais o Reino falta na ſua Real Succeſſaõ , da meſma Real

Suc-

Succeſſaõ venhaõ nos ſeculos futuros a deſcender, e a propagarem-ſe todos os Soberanos da Chriſtandade.

Iſto he o que com o mayor fervor de ſeus eſpiritos vos rogaõ todas eſtas voſſas Eſpoſas, pedindo-vos ao meſmo tempo o perdaõ do pequeno culto, que vos offerecem em agradecimento de beneficio taõ util, bem mal ponderado pela rudeza do Orador. Outros mais inſignes, já por parte dos nobres Cidadãos deſta antiquiſſima Corte, e Cidade de Evora, já por parte de ſuas ſagradas Religiões, ſaberâõ perſuadir, e deſempenhar melhor a expoſiçaõ deſta mercê, que nos fizeſtes, e com eloquencia mais fina agradecer-vos melhor eſte favor, com que nos penhoraſtes, que eu, conhecendo a minha ignorancia, ſó poſſo ficar com a liſonja, que o que me falta no credito de eloquente, e na ventura de ſingular, me ſupprio na gloria de primeiro.

Por fim, naõ vos lembrando, Soberano Rey do Univerſo, a ultima execuçaõ da voſſa Divina Palavra, que pronoſtiquey para eſte tempo; porque ſeria naõ ſó eſquecermo-nos dos principios, e progreſſos do voſſo patrocinio, mas ſuppor ingrata, e groſſeiramente na voſſa Providencia para com eſte voſſo Imperio o meſmo cuidado, com que governais ſem eſpecialidade as outras Monarchias: ſó vos pedimos aquelle favor, que muitas vezes por ſegredos impenetraveis negais a outros Imperios, o ardente, e immortal zelo da voſſa Fé, a efficacia vigilante, e a ancia ſuaviſſima do voſſo culto, e veneraçaõ. Eſta he a principal graça, que ſey vos ſupplicaõ lá da ſua Corte, como taõ Catholicos, as noſſas Mageſtades, e os noſſos Principes; e eu, toda eſta Communidade,

toda a minha Provincia, e todo este Auditorio, vos rogamos humilde, e reverentemente lhes concedais primeiro que tudo o vosso serviço, o vosso respeito, e o vosso agrado, e depois a mayor fama, a mayor gloria, a melhor vida, e a todos os seus fieis vassallos enchentes de graça, para dignamente vos retribuirem todos estes favores, repetindo huma, e muitas vezes em Acçaõ de Graças a Vossa Divina Magestade com sonóros canticos o Hymno:

Te Deum laudamus,
Te Dominum confitemur.

DISSE.